

## MAX AUB: ALEMÃO, FRANCÊS, ESPANHOL, MEXICANO? JUDEU.

---

Saul Kirschbaum<sup>1</sup>

**ABSTRACT:** Max Aub was a Spanish dramatist, fictionist and essayist, who fought in the Spanish Civil War, was held prisoner in several concentration camps for his participation in the Republican side, and finally moved to Mexico, where he lived and published for the rest of his life. But he was of Jewish origin. Being a Jew, he experienced painful conflicts with his own jewishness, his repudiated Jewish identity, mainly when he stayed in Israel during the Six Days War, in 1967. After the war, he published *Imposible Sináí* (Impossible Sinai). This article analyzes Aub's dilemmas of being and not willing to be a Jew, feelings close to what is called *self-hate*, and often expressed in his *Diaries*.

**KEYWORDS:** Max Aub, Jewish identity, Self-hatred.

Max Aub nasceu em Paris, em 1903, filho de Federico Guillermo Aub Marx, judeu alemão da Baviera, e Susana Mohenwitz, francesa da alta burguesia. Sua educação religiosa foi agnóstica, já que pai e mãe eram livre-pensadores. Com a eclosão da I Guerra Mundial, em 1914, Max experiencia o primeiro conflito interno, dilacerante, que talvez esteja na origem de seu futuro pacifismo radical: seus tios paternos combatem pela Alemanha, os irmãos de sua mãe pela França, um cunhado de sua mãe pela Áustria. Como tolerar a guerra, como considerá-la legítima, se ela coloca seus entes queridos em lados opostos? Seu pai, que naquele momento estava viajando pela Espanha, aceita o

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas da FFLCH/USP. Bolsista da CAPES no Programa PRODOC junto ao DLO/FFLCH.

conselho de amigos espanhóis de não retornar à França, e já em agosto de 1914 instala-se com a família em Valência. Devido à nacionalidade alemã, todos os seus bens na França são confiscados. Max, então, a partir dos onze anos vive na Espanha, numa atmosfera burguesa e agnóstica. Em seus anos de formação, não deve ter tido muito contato com judeus, com ambientes e modos de vida judaicos – não bastasse o fato de os pais não serem observantes, podemos levar em conta de agravante que desde a expulsão, em 1492, os judeus passaram a considerar a Espanha como região profanada, evitando lá viver mesmo quando isso já lhes era novamente permitido.

Não é, então, de se esperar que Max Aub, de alguma forma, se sentisse judeu ou mantivesse qualquer ligação afetiva com o judaísmo de seus avós e tios. Muitos anos mais tarde, escreverá em seus *Diários*: “¿Qué soy? ¿Alemán, francés, español, mexicano? ¿Qué soy? Nada. ¿De quién la culpa? ¿Como culparme? Y, sin embargo, latente, esa punzadura, ese veredicto: culpable”. Como se vê, “judeu” não é uma das alternativas. A menos que “judeu” equivalha a “nada”. Não obstante, parece que uma voz íntima, muito íntima, teima em sussurrar: “Você não escapará de ser judeu!” (AUB, 1998, pp. 273-4, 22/01/1956).<sup>2</sup>

É possível que essa voz que estou postulando, voz que insiste em incluir a rejeição do judaísmo na culpa que Max Aub assume, só tenha começado a se manifestar com a primeira grande derrota vivida por ele. Na condição de socialista, participa da Guerra Civil Espanhola. Derrotada a República em 1939, é forçado, como tantos outros combatentes republicanos, a atravessar os Pirineus e refugiar-se na França. No entanto, poucos meses depois o governo franquista recebe uma comunicação anônima qualificando Aub de “hebreo, comunista y revolucionario de acción” e denunciando sua presença na França. Sem perda de

<sup>2</sup> Na verdade, “judío” é uma alternativa rapidamente descartada. Na continuação do registro nos *Diários*, lemos que “en el fondo, en el mar que penetra rugiendo en la cueva más baja, la razón: si fueses poeta, novelista, lo que fuera, serías español, mexicano, francés o alemán. Como no lo eres no eres nada, nada, nada, ni judío siquiera. Eso menos que cualquier otra cosa, porque no quisiste serlo nunca. Y ésa tal vez tu culpa. Porque eso sí pudiste haberlo sido. Pero no quisiste. ¿De qué te quejas?”

tempo, a Embaixada espanhola se reporta ao Ministério dos Negócios Estrangeiros francês, dando conta que “le ressortissant allemand Max Aub (Israélite), qui fut naturalisé espagnol par le Gouvernement rouge, /.../ et qui se trouve actuellement en France /.../ est un communiste notoire d’activités dangereuses” (AUB, 1998, p. 43). Prontamente, em 5 de abril de 1940, a polícia francesa prende-o. É a primeira de uma série de detenções e internações em campos de concentração.

O ter sido vítima de uma denúncia anônima dilacera Max Aub, solapa sua confiança na humanidade. Ainda em 1951, passados onze anos, isso lhe pesa e ele anota em seus *Diarios*: “¿Quién me denunciaría? Tengo que librarme, de una vez, de ese peso. Escribiendo, escribiendo. ¿Quién sería el hijo de puta? ¿O la hija de la misma? Ponerse en la piel del chivato y escribir, escribir, para saber lo que no sé” (AUB, 1998, p. 185).

O fato de a denúncia qualificá-lo como comunista é motivo de escândalo para Naharro-Calderón, que dedica nove páginas de seu ensaio para mostrar que Max Aub era, na verdade, socialista; que vinha há tempo criticando o stalinismo. Julga necessário estabelecer uma nítida distinção entre socialistas e comunistas. O próprio Aub, em 1951, dirige uma carta ao presidente francês Vicente Auriol, numa tentativa de reverter a decisão que lhe negava visto para entrada na França:

/.../ yo era socialista y sigo siendo socialista. Fui denunciado como comunista, y para ser perdonado – ¿de qué, señor Presidente, de qué? – tendría que haberme convertido en anticomunista. Pero yo no soy comunista, ni comecomunista: soy un liberal, un socialista liberal – creo que puede usted facilmente entender esta antinomia – que fue falsamente acusado de ser comunista, y que tiene la pretensión, la humilde y por lo visto absurda pretensión, de pasar un mes en Paris, para ver a sus padres. (NAHARRO-CALDERÓN, 1999, p. 201)

Aub ter sido denunciado como judeu (*hebreo, israelite*) não escandaliza Naharro-Calderón, mas também, aparentemente, não surpreende nem incomoda o próprio Max Aub. O que a ambos causa espanto é ele ser tomado por comunista. Devemos ter presente que para a direita (ou, pelo menos, para o

*discurso* de direita), socialista, comunista, anarquista, é tudo a mesma coisa: todos eles querem subverter a ordem vigente, atacar a religião, derrubar as instituições. Basta pensar no sentido vulgar de “anarquia”. Mesmo no Brasil, durante o regime militar, os inúmeros agrupamentos que se opunham à ditadura eram denominados, coletivamente, de “movimentos subversivos comunizantes”.<sup>3</sup>

Aos olhos de quem, na Espanha, Aub pareceria judeu? Se ao menos usasse o *Mohenwitz* de sua mãe. Mas, *Aub*? O nome não é sugestivo de origem judaica. Talvez houvesse muitos judeus entre os brigadistas internacionais, mas ele participou da guerra civil como espanhol. Sua ficha no campo de Le Vernet indica filiação católica. Naharro-Calderón acerta em afirmar que, se Aub tivesse sido registrado como judeu, não teria escapado de embarcar em um trem com destino às câmaras de gás de Dachau, como de fato aconteceu em julho de 1944 com os últimos “residentes” desse campo (NAHARRO-CALDERÓN, 1999, p. 212). Por outro lado, se sua identidade judaica fosse totalmente ignorada, como explicar que tenham se interessado por sua situação justamente organizações humanitárias judaicas, a HICEM, a HIAS? Naharro-Calderón atribui esse interesse à intervenção de Milton Wolff, membro do Partido Comunista Americano, a favor de altos dirigentes comunistas internados em Le Vernet, não necessariamente judeus (NAHARRO-CALDERÓN, 1999, p. 210). Comunistas tentando resgatar socialistas depois das violentas lutas internas no campo republicano? A conduta de Aub no campo é a de um “agitador comunista”? Como veremos adiante, Aub continuará a receber apoio e proteção de entidades judaicas.

No próprio navio que o conduz à Argélia, à detenção no campo de Djelfa,<sup>4</sup> Aub começa a escrever uma tragédia, que concluirá em dezembro de 1942, já

<sup>3</sup> Essa impressão é corroborada pelo comentário de João Cerqueira, a respeito dos cartazes de propaganda produzidos pelos nacionalistas durante a Guerra Civil: “Comunistas e democratas são diferenciados, mas acabam metidos no mesmo saco e descritos como graves ameaças à civilização cristã e às tradições mais profundas do povo espanhol” (CERQUEIRA, 2005, p. 94).

<sup>4</sup> Aznar Soler, 2006:95 nota 4: “/.../ Sidi Aicha, un buque de carga en cuya bodega fue embarcado Max Aub el 27 de noviembre de 1941 y a bordo del cual realizó una travesía que, como prisionero, lo condujo del puerto francés de Port Vendrès hasta la Argelia entonces francesa, es decir, del campo de concentración de Le Vernet d’Ariège al argelino de Djelfa”.

no México: *San Juan*. O tema dessa peça teatral é “un barco abarrotado de refugiados /.../ que espera, fondeado en un puerto de Asia Menor, el permiso, que nunca llega, para desembarcar, y que, por último, naufraga con todo su pasaje en medio del Mar Mediterráneo”.<sup>5</sup> O detalhe é que os refugiados são judeus. O próprio autor declara que

[I]gnoraba, al idear esta tragedia, la que empezaba a desarrollarse en los campos de exterminio nazis. De haberlo sabido no creo que hubiese cambiado gran cosa de su planteamiento y desarrollo. No iba mi drama por ahí, sino, como lo vio perfectamente Díez Canedo – y Alfonso Reyes: “Naufraga aquí un poco de la virtud humana” –, hacia la responsabilidad colectiva; más culpables los liberales por serlo.<sup>6</sup>

Trata-se, então, do protesto de uma consciência humanista, internacionalista. Um intelectual liberal que assume sua parcela de responsabilidade nas grandes tragédias que marcaram o século XX. O tema da peça não é absolutamente ficcional, já que realmente navios abarrotados de refugiados judeus foram impedidos de desembarcar, inclusive no Brasil, vítimas de um antisemitismo mal disfarçado de labirinto burocrático. Teria Max Aub conhecimento disso?<sup>7</sup> De uma forma ou de outra, a situação desesperadora de judeus europeus, fugitivos dos países ocupados pelos nazistas, sem ter para onde ir nem para onde voltar, atraiu a atenção e a solidariedade do autor.

Mas surpreende a falta de empatia, sua atitude negativa em relação à postura desses judeus face à tragédia que sobre eles desabava. Na peça, os judeus

<sup>5</sup> Gonzáles López, 2006, p. 240.

<sup>6</sup> Aub, 2006, p. 250.

<sup>7</sup> Por exemplo, Jeffrey Lesser reporta que “o vapor *Alsina* deixou o porto de Marselha em 1º de janeiro de 1941, com 570 passageiros, inclusive vários refugiados judeus, assim como Alcalá Zamora, ex-presidente da República Espanhola. Alguns dos passageiros possuíam vistos para os Estados Unidos, mas a maioria tinha vistos brasileiros emitidos na França. O grupo teve sua entrada no Brasil recusada e seguiu viagem” (Lesser, 1995, p. 243). A presença do ex-presidente espanhol pode ter chamado a atenção de Aub para o episódio. Outro caso notório, no mesmo ano, foi o do navio *Cabo de Hornos*, de bandeira espanhola.

são covardes, banqueiros corruptores, jornalistas vendidos, velhos mesquinhos, racistas, egoístas, cada um tratando de salvar a própria pele, sem consideração pelos demais; pode até o leitor/espectador concluir que parte da culpa cabe às próprias vítimas.<sup>8</sup> Somente se comporta com dignidade um grupo de jovens comunistas que se mantém organizado durante o trajeto e foge do barco para ... combater pela Espanha republicana. E podemos nós cogitar de um certo *auto-ódio*,<sup>9</sup> de uma *vergonha de pertencer*. A má-vontade de Aub para com os refugiados judeus vai assim ao encontro da descrição de Gilman:

Examinando as projeções da sociedade dominante em relação aos judeus, vendo os judeus conforme a sociedade os percebeu, temos a primeira chave para a estrutura do auto-ódio. Pois o que estamos interessados em examinar é como os judeus veem a sociedade dominante os vendo e como eles projetam sua ansiedade sobre essa maneira de serem vistos em outros judeus como um meio de exteriorizarem sua própria ansiedade de *status*.<sup>10</sup>

Em 17 de maio de 1942, Aub consegue “fugir” (com a cumplicidade de um chefe de polícia gaullista!) de Djelfa para Casablanca, onde deveria tomar um navio com destino aos Estados Unidos. Mais uma vez, o infortúnio se apresentará: um incidente burocrático na fronteira de Argélia e Marrocos faz com que perca o navio; depois, a recusa do cônsul americano de revalidar sua data de

<sup>8</sup> Até mesmo o autor parece ter plena consciência disso ao registrar em seus *Diários*, em 26/11/1967, “Releo el *San Juan* /.../ Comprendo por qué no les gusta ni les puede gustar a los israelíes, a los judíos de aquí – a los que sean sionistas y a los que no –, pero no me importa: tengo razón, tengo la razón”. (Aub, 1998:402). Vale a pena lembrar que a tese de “culpa das vítimas” teve fortes defensores em Israel, à medida que, no final da guerra, os sobreviventes chegavam: o estereótipo do judeu fraco, covarde, não resistente da Europa oriental era o oposto do pioneiro ideal da ideologia sionista, forte, lutador, um homem novo numa pátria nova.

<sup>9</sup> O fenômeno do *auto-ódio*, que não é especificamente judeu, mas encontra entre eles um campo particularmente fértil, dando lugar a casos extremos como o de Otto Weininger, foi estudado a fundo por Sander L. Gilman no ensaio “O que é auto-ódio”, publicado em português em Nelson H. Vieira (org.), *Construindo a imagem do judeu*, Rio de Janeiro: Imago, 1994, ao qual voltarei adiante.

<sup>10</sup> Gilman, 1994:47.

saída obriga-o a viver escondido durante três meses – em uma maternidade *judia* de Casablanca.<sup>11</sup>

Finalmente, Aub consegue viajar para o México, país que o acolhe e onde viverá até sua morte em 1972, abrigado pela nacionalidade mexicana. De meu conhecimento, judeus e judaísmo não voltam a figurar em seus escritos. A menos que acreditemos que Max Aub compartilhava da tese segundo a qual *Don Quijote de la Mancha* deve ser lido como um romance de defesa e justificação do marranismo e o próprio Cervantes teria sido um judeu oculto,<sup>12</sup> e assim interpretemos seu interesse por Cervantes e suas técnicas literárias.<sup>13</sup>

Mas eis que Max Aub é contratado pela UNESCO para ministrar um curso de “literaturas y culturas españolas y latinoamericanas”, entre 1º de novembro de 1966 e 20 de fevereiro de 1967, na Universidade Hebraica de Jerusalém. Primeira (e única) visita a Israel, período em que pode “conocer de cerca la realidad del país y de su gente”. Fica chocado com a autosegregação dos judeus ortodoxos em “guetos”,<sup>14</sup> com o limitado e autocentrado enfoque cultural do país, a que “sólo le importa lo judío en tanto que judío y no como universal”,<sup>15</sup> com a natureza agressora do Estado de Israel, fruto do que denomina de *racismo religioso*.<sup>16</sup> Pior: acusa Israel de ser um Estado artificial, criado como repre-

<sup>11</sup> Naharro-Calderón, 1999, p. 250.

<sup>12</sup> Ver, por exemplo, Ruth Reichelberg – *Don Quichotte ou Le roman d'un juif masqué*. Bourg-en-Bresse (France): Éditions Entailles-Philippe Nadal, 1989.

<sup>13</sup> Ver, por exemplo, Max Aub – *De Max Aub a Cervantes*. Segorbe: Fundación Max Aub, Universidad de Alcalá y Casa Cervantes, 1999. Também Pérez Bowie aponta semelhanças estruturais entre o *Manuscrito Cuervo* e o *Quijote*: “Lo que sí resulta innegable es el juego intertextual que, basándose en la ficción cervantina, establece Aub entre este intermediario en la transmisión del texto corvino y el personaje a quien el narrador de la primera parte del Quijote atribuye la autoría del manuscrito que dice traducir: Cid Hamet Ben Engeli” (Pérez Bowie, 1999, p. 26).

<sup>14</sup> Aub, 1998, p. 373 (10/11/1966) – “largo paseo nocturno por el barrio judío ortodoxo. Ghetto. Es decir, que aun viviendo en un país judío, rodeados de judíos, puede más la tradición, encerrados en sí, con la religión por delante y la seguridad que les da estar en manada, juntos y apretados. Lo que explica por qué fueron a la muerte, sin rebelarse, los unos por los otros”.

<sup>15</sup> Aub, 1998, p. 380 (10/12/1966).

<sup>16</sup> Aub, 1998, p. 381 – “/.../ la agresión es el cogollo de su existencia. /.../ El racismo, el racismo religioso, es lo suyo: no le importa el judío desarraigado, integrado en otra nación – no digamos un confeso –, confundido con los habitantes de otro país; para considerarlo judío necesita que pertenezca a su conglomerado, aunque no sea ortodoxo”.

sentante do imperialismo inglês, desligado do judaísmo e, por isso mesmo, um beco sem saída.<sup>17</sup> Enfim, a estada em Israel se revela um desastre que contribui para reforçar a rejeição de sua judeidade, seu mal-estar de ser judeu que, como assinalei acima, já se fazia presente quando da escrita de *San Juan*:

Creí que tenía algo de judío no por la sangre (que, pobrecita, ¿qué sabe de eso?) sino por la religión de mis antepasados – mis padres no la tuvieron – y vine aquí con la idea de que iba a resentir algo, no sé qué, que me iba a enfrentar conmigo mismo. Y no hubo nada. Nada tengo que ver con estas gentes que no sea lo mismo que con los demás, como nada tengo que ver con los alemanes, ni con los polacos, ni con los japoneses, ni con los argentinos. Mis ligazones son con los mexicanos, los españoles, los franceses y algo, tal vez, con los ingleses. Tal vez más con los españoles, pero sólo, quizá, con los de *mi* tiempo.

No, no tengo nada de judío. Lo siento, pero no puedo llorar, me son extraños, tanto o más que los noruegos o los turcos.<sup>18</sup>

Ou seja, Aub afirma que não se solidariza com grupos de cidadãos de outros Estados em nome da pertença a uma mesma etnia, e não reconhece um passado partilhado como legitimação dessa pertença. Mas não consegue disfarçar que a questão da judeidade não lhe é completamente indiferente. No mínimo, incomoda.

Justamente em junho de 1967, porém, eclode a *Guerra dos Seis Dias* que mais uma vez confrontou militarmente o Estado de Israel com seus vizinhos árabes, no quadro de um estado de beligerância permanente que remonta, pelo menos, à própria criação do Estado de Israel em 1948. Impressionado

<sup>17</sup> Aub, 1998, p. 373-4 (10/11/1966): “Israel es otra cosa: un quiste puesto por Inglaterra para intentar quitarse de encima los muchos problemas que les planteaban los países árabes. Mejor dicho, lo fue. Ahora, es otra cosa: enredo del que nadie sabe cómo salir. Sólo el tiempo o la fuerza”.

<sup>18</sup> Aub, 1998, p. 387 (12/01/1967). Note-se que a vida dos judeus na Alemanha e na Polônia, ao longo de séculos, experimentou períodos de excelente convívio alternados com períodos extremamente trágicos; e que a imigração judaica para a Argentina foi muito intensa, principalmente a partir das experiências de fixação na terra da Jewish Colonization Association (JCA). Mas, por que a referência ao Japão?



com os horrores da guerra, pacifista radical, Aub escreve cerca de trezentos poemas que pretende publicar, primeiro com o título de *Encontrados poemas o lamentos del Sinaí*, depois com o título definitivo de *Imposible Sinaí*. Como já havia feito em *Manuscrito Cuervo*, de 1951, o autor procura uma abordagem polifônica, atribuindo a autoria dos poemas a uns duzentos soldados mortos na guerra ou em consequência dela, tanto judeus quanto árabes. A ideia original era que a obra tivesse como subtítulo “(textos recogidos y traducidos del árabe y del hebreo y de algunos otros idiomas, en junio de 1967, por Max Aub, profesor visitante de la Universidad Hebrea de Jerusalén y dedicados a varios de sus amigos)”. Como se vê, mais uma vez emprega a técnica cervantina de interpor autores e tradutores fictícios para distanciar-se do leitor e criar uma impressão polifônica. Medida tida como indispensável para assegurar seu desejo de manter uma “posición ‘ecuanime’ ante el problema”.<sup>19</sup>

A preocupação aubiana de esposar posições equânimes já havia sido apontada por Naharro-Calderón a respeito da peça *Los comunistas en torno al pacto germano-soviético*, drama escrito em 1939,<sup>20</sup> a meu ver, essa preocupação aponta para uma convicção do autor de sua suspeição *a priori*, de uma hipersensibilidade à opinião do grupo hegemônico, ante o qual deve provar sua isenção. Precisa deixar claro (até para si mesmo!) que, apesar de socialista, não é anticomunista, não obstante as traições cometidas pelos comunistas durante a Guerra Civil e o fato de terem se aliado ao Estado nazista; que, sendo judeu, não está automaticamente alinhado com o Estado de Israel. Busca evitar os falsos dilemas,<sup>21</sup> preservar uma objetividade que garanta legitimidade ao seu testemunho. Como diria Eleanor Londero a respeito de *Imposible Sinaí*,

/.../ vuelve sobre el problema del antisubjetivismo. Porque de lo que se trata ahora es de dar testimonio, evitando tanto la confesión como la autobiografía o

<sup>19</sup> Londero, 2002, p. 14.

<sup>20</sup> Naharro-Calderón, 1999, p. 197.

<sup>21</sup> Londero, 2002, p p. 29-30 – “/.../ la opción era apoyar al sionismo integrista o ser considerado partidario del nacionalismo nasseriano. /.../ Una vez más, Aub dice No a las falsas opciones en nombre de aquella moral que siempre consideró atributo imprescindible de la función del intelectual”.

la prédica. Para hacerlo, Aub rehuye la alternativa de la primera persona para hablar, en cambio, a través de una pluralidad de personas que le permiten la incorporación de un sinfín de puntos de vista contrapuestos.<sup>22</sup>

Devemos, portanto, reconhecer em *Imposible Sináí* a qualidade de literatura de testemunho, ainda que Aub não tenha lutado naquela guerra. O que lhe dá o direito de denunciar a intrínseca loucura da guerra é o fato de, quando criança, ter visto seus tios lutarem em campos opostos; é ter combatido na Guerra Civil espanhola; é ter passado por vários campos de concentração, na França e na Argélia.

Não obstante, esse mal-estar, que se manifesta cada vez que toma posições públicas que dizem respeito a atividades de judeus, a decisões do governo israelense, a questões religiosas judaicas, é um traço frequente entre judeus de esquerda, preocupados em estabelecer sua independência em relação a esses polos. A necessidade de “deixar claro que não sou automaticamente solidário com os judeus do mundo, que não apoio por princípio o Estado de Israel”, faz parte do que chamei acima de *um certo auto-ódio* e pode ter suas raízes na própria história do sionismo.

Em 1815, os judeus europeus formavam uma comunidade vivendo sempre à margem da sociedade global. Geografica e sociologicamente, a maioria dos judeus vivia ainda no interior rural da Europa, nos *shtetlach* da Zona de Residência obrigatória na Europa oriental e em regiões agrícolas como o Hesse e a Alsácia. As grandes cidades europeias: Paris, Viena, Berlim, Londres, Moscou e São Petersburgo, eram em grande parte *judenrein*.<sup>23</sup>

A universalidade dos direitos civis estatuída pelos ideólogos da Revolução Francesa e o surgimento do iluminismo europeu fez com que, no final do século XVIII, os judeus mais esclarecidos, na Europa Central e Ocidental

<sup>22</sup> Londero, 2002, pp.19-20.

<sup>23</sup> Avineri, 1982, p. 16 (tradução minha). *Judenrein*: termo alemão para “livre de judeus”, “limpo de judeus”.

(principalmente Alemanha, Áustria-Hungria, França), se convencessem da necessidade e da possibilidade de se emancipar, de sair de seu primitivismo constrangedor, de romper seu isolamento secular, para integrar-se nas sociedades europeias civilizadas. Moses Mendelsohn cria a *Hascalá*, equivalente judaico do Iluminismo, pregando que os judeus recebam educação laica, que estudem o idioma do país de residência, que abandonem as vestes arcaicas e os hábitos alimentares trazidos do Leste europeu. O movimento recebe expressiva adesão na Europa central, mas obtém menor penetração na Europa Oriental em consequência da oposição comandada pelos *hassidim*,<sup>24</sup> que o veem como uma ameaça à própria continuidade da religião judaica. De qualquer forma, através do esclarecimento (dos judeus e dos não judeus), os judeus estão a ponto de se tornarem europeus. Enquanto isso, na esteira da Revolução Francesa, Napoleão impõe a emancipação civil dos judeus por toda a Europa.

No entanto, dois eventos no final do século XIX abalam o otimismo dos *maskilim*.<sup>25</sup> Os *pogroms* de 1880-1 na Rússia (início de um ciclo que vai se estender até 1905, tendo seu auge nos massacres de Kishinev em 1903 e na formação das *centúrias negras* em 1905<sup>26</sup>) e o *Affaire Dreyfus* em 1894 na França apontam para a persistência de um antissemitismo endêmico, espalhado por toda a Europa, e são interpretados como indicativos de que “não há lugar para os judeus na Europa”. Movimentos protossionistas de caráter romântico dão lugar a um sionismo político ativo que se organiza e cresce até obter a criação do Estado de Israel em 1948.

Mas, também, na Rússia, Polônia, Lituânia, muitos judeus adotam como meta a revolução social e aderem à social-democracia ou ao *Bund*.<sup>27</sup> Mais do que isso,

<sup>24</sup> Hebraico: plural de *hassid*. Pio, beato. Adepto do hassidismo, movimento religioso de grande alcance entre os judeus da Europa Oriental, fundado pelo Rabi Israel ben Israel, chamado Baal Schem Tov, e seus discípulos, nos séculos XVIII e XIX.

<sup>25</sup> Hebraico: plural de *maskil*. “Esclarecidos”. Partidários da *Hascalá*, movimento iluminista judaico.

<sup>26</sup> A respeito, ver, por exemplo, Ettinger, S., 1999, p. 886 ss.

<sup>27</sup> União Geral dos Trabalhadores Judeus na Lituânia, Polônia e Rússia, partido operário judaico fundado em Vilna em outubro de 1897 por representantes dos círculos socialistas judaicos. Para informações detalhadas ver, por exemplo, S. Ettinger, “The Socialist Movement Among Jews Before the First World War”, p. 908 ss.

Os *pogroms* russos e a política antissemita do governo czarista obrigaram cerca de três milhões de judeus a deixar a Rússia entre 1882 e 1914, mas só uma ínfima parte deles, talvez 1% do total, se dirigiu à Palestina. A imensa maioria emigrou para os Estados Unidos, para o Canadá, América do Sul, Austrália.<sup>28</sup>

O sionismo não empolga as massas judaicas. Muitos judeus emigram para a Palestina para apoiar ativamente o empreendimento sionista, mas outros tantos se dirigem para lá apenas para fugir dos *pogroms* e restrições econômicas no Leste europeu e das perseguições nazistas na Alemanha, sem qualquer motivação ideológica, sem se engajarem na construção de um “Lar Nacional”.

Temos, então, que trabalhar com a hipótese de uma dupla origem da elite intelectual, pensante, do Estado de Israel. Se, por um lado, grande parte está empenhada na concretização da ideologia sionista, na “construção de um homem novo em uma pátria nova”, outra parte, certamente minoritária mas ainda assim influente, vai viver em Israel por falta de opções. Eleanor Londero percebeu e aprofundou esse quadro ao registrar que

A propósito de este problema de la identidad judía es significativo cuanto narra una persona por la que Aub sentía gran admiración: Arthur Koestler. En sus memorias, Koestler dedica amplio espacio a la cuestión de una identidad judía que nunca sintió como indispensable. En los años 20, la propaganda sionista le convenció a realizar un viaje a Palestina, con el propósito de participar en la experiencia de los primeros colonos. La tentativa concluyó en un fracaso por su radical incapacidad de adaptación, en cuanto intelectual cosmopolita, a un tipo de existencia y de mentalidad que poco tenían que ver con sus convicciones y su formación. Un segundo viaje, en 1937, como enviado del *News Chronicle*, le permitirá definir con mayor precisión las razones de aquel fracaso. Eran los años en que comenzaba la diáspora judía de Alemania, y las personas que ahora encuentra son fundamentalmente diversas a las conocidas en su experiencia juvenil. En la mayoría de los casos, se trata de amigos y colegas berlinenses, es decir, de la vieja *élite* intelectual alemana, constituida por abogados, médicos, periodistas o profesores. Todos ellos, al igual que Koestler, estaban profundamente radicados

<sup>28</sup> Avineri, 1982, p. 15 (tradução minha).

en la gran cultura europea, lo cual los tornaba renuentes a adherir a nacionalismos o sionismos. Sus idiomas eran el alemán y el francés (en algunos casos, también el inglés), que habían aprendido desde la infancia; ignoraban el hebreo y se demostraban poco propensos a aprenderlo. Estas características no sólo habían condicionado el tipo de trabajo que se veían obligados a aceptar para sobrevivir, sino que los condenaba a formas de existencia estériles en un país hostil. Toda esta gente estaba allí por necesidad y no por elección. Se diferenciaban netamente de los pioneros sionistas que se habían adaptado perfectamente al nuevo país. Carecían, igualmente, de la firme convicción de éstos en la defensa a ultranza de la tierra ocupada o de la fe incontrastable en el destino de Palestina, y llegaban, incluso, a dudar sobre la legitimidad de sus reivindicaciones.<sup>29</sup>

É neste quadro de referência que muitos intelectuais israelenses se declararão “sionistas de esquerda”, defendendo a tese de que o Estado deveria abandonar seus planos de reconstruir o Grande Israel dos tempos bíblicos e priorizar a paz com seus vizinhos árabes, enquanto outros ainda serão antissionistas, negando legitimidade a um Estado judeu particularista, propondo uma solução federalista. E, ainda, no extremo oposto do espectro, alguns grupos religiosos até mesmo negarão a legitimidade da existência do Estado, por considerarem que a reconstrução de Israel será obra divina, a ser comandada pelo próprio Messias; deste ponto de vista, o Estado real é herético.

Gilman esclarece que “o auto-ódio resulta da aceitação por *outsiders* da miragem de si próprios gerada por seu grupo de referência – o grupo na sociedade que eles veem como os definindo – como uma realidade”.<sup>30</sup> Note-se que Aub partilha dessa opinião, como se depreende da anotação em seu diário em 26 de novembro de 1967:

Los judíos no son lo que piensan ellos sino lo que los demás piensan que son. Y no lo digo en el sentido de Sartre de ser. No, al contrario, sino de pensar, de figurarse (es decir, para mí, de pensar). Los judíos somos como piensan los demás que somos *fuera de Israel*.

<sup>29</sup> Londero, 2002, p. 31-2.

<sup>30</sup> Gilman, 1994, p. 36.

E, no dia seguinte: “No sólo de judíos está hecho el mundo sino también de los que los están mirando”.<sup>31</sup>

Talvez seja por isso que Aub, em carta a Carlos Barral pedindo-lhe para urgenciar a publicação de *Imposible Sinaí*, se apresse em dizer que “no se trata de la calidad literaria que asoma la punta de la oreja de cuando en cuando, sino por mi posición ‘ecuaníme’ ante el problema”.<sup>32</sup> E talvez seja por isso que tenha optado por uma forma polifônica. Na “Nota de abertura” do texto, Aub diz: “No tomo parte; sólo escojo para su publicación /.../ los que me parecieron más característicos”.<sup>33</sup> Polifonia e distanciamento que equivalem a uma mensagem: “Apesar de ser judeu, não estou falando como judeu. O fato de ser judeu não me cega”. Polifonia e distanciamento que, evidentemente, não se sustentam, já que Aub é o autor de todos os poemas, por maior que seja o número de pseudoautores e tradutores interpostos, mas permitem uma percepção ampla da questão, em todos os seus aspectos. Consciente ou inconscientemente, não consegue evitar que um dos “autores” recolhidos se chame Mohrenwitz. Lembremos que esse era exatamente o nome de sua mãe. Talvez por esse detalhe possamos pensar que Manoce Mohrenwitz é seu *alter ego* preferido. O fato é que a esse “autor” Aub atribui a reflexão: “/.../ morir porque sí es más absurdo que haber nacido judío”.<sup>34</sup>

Outro *alter ego* por quem Aub demonstra grande simpatia é “Doctor Chaim Becker”, de quem diz: “De todos, el único amigo”. Veja-se o comentário a respeito das dificuldades que esse “autor” teria enfrentado para viver em Israel:

No le fue muy fácil la vida científica en Israel porque era freudiano de estricta obediencia y no creo que los judíos hayan perdonado nunca a Freud su *Moisés y el monoteísmo*, y la interpretación psicoanalítica no se ha hecho popular

<sup>31</sup> Aub, 1998, pp. 402-3. Note-se que Aub emprega “Los judíos somos”, e não “Los judíos son”. E também que, na anotação de 27/11, confessa o equívoco de *San Juan*: “Que desconocimiento de los judíos pero al mismo tiempo qué bien está ‘lo de los judíos’ visto por los que no lo son, por los que se figuran – o se figuraban – saber cómo eran, lo que eran!”

<sup>32</sup> Londero, 2002, pp. 15-6.

<sup>33</sup> Aub, 2002, p. 49.

<sup>34</sup> Aub, 2002, p. 91.

en Jerusalén y nadie se atrevería a sostener públicamente que Moisés fue un egípcio, asesinado por los judíos, y Jehová un demonio nocturno “siniestro y sanguinario”, dios de los volcanes, hermano de Baal.<sup>35</sup>

Não é difícil perceber nessa descrição uma projeção de sua própria percepção de ser excluído por defender posições anti-israelenses.<sup>36</sup> Talvez alimentasse a auto-imagem de estar abalando os mitos fundacionais, um novo Freud.

Aub, em *Imposible Sinaí*, leva a preocupação da “equanimidade” ao extremo. Tendo escrito, para a obra, cerca de trezentos poemas, constata que o número é excessivo e que terá que ser reduzido em cerca de 25%. Mas não o faz ele mesmo; ao contrário, encarrega seus amigos Joaquín Díez-Canedo e Alastair Reid de efetivar os cortes. Eleanor Londero cogita que Díez-Canedo talvez tenha, mais tarde, modificado essa primeira seleção.<sup>37</sup> O que restaria, então, dessa “equanimidade”, se a seleção pode ter privilegiado os poemas que favorecem uma ou outra posição, refletindo, por fim, a opinião de seus amigos sobre o conflito? Paradoxalmente, para manter a equanimidade o autor não poderia abrir mão de sua hegemonia autoral.

A posição crítica de Aub face ao conflito árabe-israelense (“Si tuviera que escoger entre unos y otros – para luchar – al decidirme por los judíos me daría la impresión de estar en *nuestra* guerra peleando a favor de Franco”<sup>38</sup>) certamente é hoje partilhada, ou, no mínimo, vista como defensável, por todos os judeus que apoiam a criação do Estado palestino e a devolução dos territórios

<sup>35</sup> Aub, 2002, p.75.

<sup>36</sup> Não obstante, registra em seus *Diários* (Aub, 1998:395-6, 28/06/1967) sua rejeição das acusações soviéticas: “Los soviéticos llaman ‘nazis’ a los judíos por quedarse con Jerusalén. Tal vez, por algo son alemanes y rusos. Pero, que lo digan ellos, o los polacos!; ellos, con media Polonia en el bolsillo, los polacos con media Prusia en otro! Podrían hacerlo, olvidando Munich, Dachau, Treblinka, Auschwitz, los vencidos: los alemanes, los ingleses, los italianos, los franceses; todos menos los rusos y los norteamericanos.” Comentário que poderia ser atribuído a um típico judeu pró-sionista.

<sup>37</sup> Londero, 2002, p.15.

<sup>38</sup> Aub, 1998, p. 374, 17/11/1966.

ocupados. Em essência, exprime a convicção de que a paz é possível e a denúncia de que Israel e países árabes não são os verdadeiros contendores, mas representantes dos Estados Unidos, da União Soviética, da Inglaterra, do Irã, em guerras por procuração.

Aliás, é importante notar que o conflito israelo-palestino já era objeto de polêmica dentro de Israel antes da Guerra do Sinai. Naquele mesmo ano de 1967, a revista *Le Temps Modernes*, dirigida por Jean-Paul Sartre, editou um número extra (253 bis), organizado por Claude Lanzmann desde dois anos antes, e que veio a ser publicado quando o clima bélico já estava superaquecido, às vésperas mesmo da eclosão da guerra. Como não houve qualquer possibilidade de reunir as partes para discutir questões de pauta, temas, interlocução, etc., os artigos de árabes e israelenses foram simplesmente justapostos, sem dialogarem. Mas o simples exame dos títulos de alguns artigos de israelenses será muito revelador dos debates que então se travavam em Israel. Assim, se alguns artigos têm por título, como era de se esperar, “Israël et Eretz Israël”, “Le peuple juif et Eretz Israël”, “Les juifs, le sionisme et le progrès”, “L’hécatombe juive et l’État d’Israël”, chama a atenção que Robert Misrahi escreva sobre “La coexistence ou la guerre”, que Simha Flapan assine “Le dialogue entre socialistes arabes et israéliens est une nécessité historique”, que o texto de Moshe Sneh se intitule “Sortir du cercle vicieux de la haine”, o de Meir Yaari, “Vers la coexistence pacifique et progressiste de l’État d’Israël et des pays arabes”, e o de Uri Avnery, “Une guerre fratricide entre Sémites”. Não faltaram as teses federativas, defendidas por Nahum Goldmann, “Pour une solution confédérale”, e por Yossi Amitay, “Réflexions bi-nationales”.

Foi acolhido até mesmo um artigo de Maxime Rodinson, judeu francês anti-israelense, “Israël, fait colonial?”. Para avaliarmos o nível e o tom das críticas de Rodinson à política do governo israelense, basta citarmos um breve trecho:

Quitte à être classé parmi les schizophrènes par Mme Éliane Amado Lévy-Valensi, je persiste à penser que le fait d’être juif ne contraint pas à employer deux poids et deux mesures. Ou alors il faut être franc et déclarer qu’en tout état de cause un groupe donné d’hommes a toujours raison, à savoir celui auquel on



appartient, ici suivant les critères antisémites et sionistes, le groupe des Juifs. Une telle conviction de l'impeccabilité de son groupe "ethnique" est un phénomène fréquent dans l'histoire des groupes humains. On appelle cela le racisme.<sup>39</sup>

Ao que parece, nenhum dos ensaístas que apresentou objeções à política do governo israelense foi banido ou, posteriormente, impedido de se manifestar, de viver e trabalhar em Israel. O fato, então, de *Imposible Sináí* não ter sido publicado até 1982 talvez não se deva apenas a um boicote ao autor, em consequência de suas opiniões anti-israelenses, como Max Aub parecia suspeitar.

Além disso, a questão de fundo talvez não seja a equanimidade defendida por Aub, que o levou a pensar que estava esposando opiniões demasiado indigestas, mas sim a própria possibilidade de um pacifismo radical, a que Aub é levado pela coerência de toda uma vida.

É nesse sentido, a meu ver, que deve ser entendida a lição de Hannah Arendt:

It is no doubt possible to create conditions under which men are dehumanized – such as concentration camps, torture, famine – but this does not mean that they become animal-like; and under such conditions, not rage and violence, but their conspicuous absence is the clearest sign of dehumanization.. /.../ To resort to violence when confronted with outrageous events or conditions is enormously tempting because of its inherent immediacy and swiftness. To act with *deliberate* speed goes against the grain of rage and violence, but this does not make them irrational. On the contrary, in private as well as public life there are situations in which the very swiftness of a violent act may be the only appropriate remedy. /.../ The point is that under certain circumstances violence – acting without argument or speech and without counting the consequences – is the only way to set the scales of justice right again. /.../ In this sense, rage and the violence that sometimes – not always – goes with it belong among the “natural” *human* emotions, and to cure man of them would mean nothing less than to dehumanize or emasculate him.<sup>40</sup>

<sup>39</sup> Rodinson, 1967, p. 69.

<sup>40</sup> Arendt, 1970, pp. 63-4.

No atual conflito entre Israel e Hezbollah, notadamente, pode-se discutir a respeito de quem é o agressor, e se a resposta de Israel é desproporcional, e sobre a quantidade de vítimas civis. Mas não há dúvida de que o Hezbollah é sustentado, material e ideologicamente, pelo Irã. E seria ingenuidade acreditar que as ameaças do Irã de “varrer Israel do mapa” sejam mera retórica. Algum pacifista pensa que, se pudesse, o Irã hesitaria em exterminar toda a população judia de Israel? Talvez do mundo? O falso dilema aubiano desse momento é inferir, da condenação da guerra americana no Iraque, a justeza de apoiar as teses iranianas.

### Referências bibliográficas

ARENDDT, Hannah. *On Violence*. San Diego, New York: Harcourt Brace & Company, 1970, 106 p.

AUB, Max. *Los Diários de Max Aub*. Edición, estudio introductorio y notas de Manuel Aznar Soler. Barcelona: Alba Editorial, 1998, 556 p.

\_\_\_\_\_. *De Max Aub a Cervantes*. Segorbe: Fundación Max Aub, Universidad de Alcalá y Casa Cervantes, 1999, 148 p.

\_\_\_\_\_. *Manuscrito cuervo*. Edición, introducción y notas de José Antonio Pérez Bowie; epílogo de José Maria Naharro-Calderón; grabados de Montse Brancolini; retrato de Max Aub de Rochesteve. Segorbe: Fundación Max Aub; Alcalá de Henares: Universidad, 1999, 255 p.

\_\_\_\_\_. *Imposible Sinaí*. Introducción, edición y notas de Eleanor Londero. Segorbe: Fundación Max Aub, 2002, 146 p.

\_\_\_\_\_. *San Juan [Tragedia]*. Edición, estudio introductorio y notas de Manuel Aznar Soler. Sevilla: Editorial Renacimiento. Colección Biblioteca del exilio, 2006, 276 p.

AVINERI, Shlomo. *Histoire de la pensée sioniste – les origines intellectuelles de l'état juif*. Traduzido por Erwin Spatz do original *The making of modern sionism – The Intellectual Origins of the Jewish State*. New York: Basic Books, 1981. Paris: Jean-Claude Lattès, 1982, 335 p.

AZNAR SOLER, Manuel. *San Juan, de Max Aub: una tragedia abierta de su “Teatro Mayor”*. In: AUB, Max – *San Juan*. Sevilla: Editorial Renacimiento, 2006, pp. 9-69.

CERQUEIRA, João. *Arte e literatura na guerra civil de Espanha*. Porto Alegre: Zouk, 2005, 174 p.

ETTINGER, S. "Anti-Semitism as Official Government Policy in Eastern Europe". In: BEN-SASSON, H. H. *A History of the Jewish People*. (English translation by George Weidenfeld and Nicolson Ltd). Cambridge: Harvard University Press, 1999, eleventh printing, pp. 881-890.

\_\_\_\_\_. "The Socialist Movement Among Jews Before the First World War". In: BEN-SASSON, H. H. *A History of the Jewish People*. (English translation by George Weidenfeld and Nicolson Ltd). Cambridge: Harvard University Press, 1999, eleventh printing, pp. 908-914.

GILMAN, Sander L. "O que é auto-ódio?". In: VIEIRA, Nelson H. (Org.). *Construindo a imagem do judeu. Algumas abordagens teóricas*. Tradução Alexandre Lissovsky e Elizabeth Lissovsky. Rio de Janeiro: Imago, 1994, pp. 31-63.

GONZÁLES LÓPEZ, Emilio. "Reseña crítica de *San Juan y Morir por cerrar los ojos*, de Max Aub". In: Max Aub, *San Juan*. Sevilla: Editorial Renacimiento, 2006, pp. 240-241. Publicada originalmente em *Revista Hispánica Moderna*. Nueva York, IX, 34, julio-octubre 1945, p. 257.

LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a Questão Judaica*. Rio de Janeiro: Imago, 1995, 371 p.

LONDERO, Eleanor. "Estudio Introductorio". In: Max Aub. *Imposible Sinaí*. Segorbe: Fundación Max Aub, 2002, pp. 9-45.

NAHARRO-CALDERÓN, José María. "Epílogo: De 'Cadahalso 34' a Manuscrito Cuervo: el retono de las alambradas". In: Max Aub. *Manuscrito Cuervo*. Segorbe: Fundación Max Aub. Alcalá de Henares: Universidad, 1999, pp. 183-255.

PÉREZ BOWIE, José Antonio. "Estudio Introductorio". In: Max Aub. *Manuscrito Cuervo*. Segorbe: Fundación Max Aub. Alcalá de Henares: Universidad, 1999, pp. 11-41.

REICHELBERG, Ruth. *Don Quichotte ou Le roman d'un juif masqué*. Bourg-en-Bresse (France): Éditions Entailles-Philippe Nadal, 1989.

RODINSON, Maxime. "Israël, fait colonial?". In: *Les Temps Modernes – Le conflit israélo-arabe – dossier*. Num. 253 bis. Paris: 1967, pp. 17-88.

SARTRE, Jean-Paul; LANZMANN, Claude (Org.). *Les Temps Modernes – Le conflit israélo-arabe – dossier*. Num. 253 bis. Paris: 1967, 993 p.